



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C198 Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-455-9
DOI 10.22533/at.ed.559190507

1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | |
| Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905071 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO | |
| Bruna Carvalho | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905072 | |
| CAPÍTULO 3 | 25 |
| A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS | |
| Ana Paula Giavara | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905073 | |
| CAPÍTULO 4 | 39 |
| DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL | |
| Dehon da Silva Cavalcante | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905074 | |
| CAPÍTULO 5 | 52 |
| ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES | |
| Priscila Lopes d’Avila Borges | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905075 | |
| CAPÍTULO 6 | 61 |
| O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA | |
| Guilherme Marchiori de Assis | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905076 | |
| CAPÍTULO 7 | 71 |
| OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939) | |
| Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905077 | |
| CAPÍTULO 8 | 82 |
| PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL | |
| Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905078 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9 | 92 |
| DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS Wagner Lucas Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.5591905079 | |
| CAPÍTULO 10 | 101 |
| O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO Maximiliano Ruste Paulino Corrêa | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050710 | |
| CAPÍTULO 11 | 111 |
| A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA Reginaldo José da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050711 | |
| CAPÍTULO 12 | 124 |
| A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822) Leandro Silva de Paula | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050712 | |
| CAPÍTULO 13 | 131 |
| A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985) Flávio William Brito Matos | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050713 | |
| CAPÍTULO 14 | 142 |
| O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892 Danilo Arnaldo Briskievicz | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050714 | |
| CAPÍTULO 15 | 155 |
| A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA Alex Faverzani da Luz | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050715 | |
| CAPÍTULO 16 | 172 |
| AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO Carlos Alberto Machado Noronha | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050716 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 17 | 181 |
| A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR | |
| Euluze Rodrigues da Costa Junior | |
| Reginaldo Célio Sobrinho | |
| Edson Pantaleão | |
| Giselle Lemos Shmidel Kaustsky | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050717 | |
| CAPÍTULO 18 | 190 |
| CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA | |
| Giselle Lemos Schmidel Kautsky | |
| Reginaldo Celio Sobrinho | |
| Edson Pantaleão Alves | |
| Euluze Rodrigues da Costa Junior | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050718 | |
| CAPÍTULO 19 | 199 |
| DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS | |
| Monica Isabel Carleti Cunha | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050719 | |
| CAPÍTULO 20 | 210 |
| CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL | |
| Bárbara Birk de Mello | |
| Luiz Antonio Gloger Maroneze | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050720 | |
| CAPÍTULO 21 | 221 |
| DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA | |
| Adalberto Paranhos | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050721 | |
| CAPÍTULO 22 | 238 |
| CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO | |
| Sérgio César Júnior | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050722 | |
| CAPÍTULO 23 | 248 |
| DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970 | |
| Renata dos Santos Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050723 | |
| CAPÍTULO 24 | 259 |
| O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL | |
| Douglas José Gonçalves Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050724 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 25 | 269 |
| ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970 | |
| Kátia Rodrigues Paranhos | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050725 | |
| CAPÍTULO 26 | 281 |
| FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD | |
| Isabela G. Parucker | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050726 | |
| CAPÍTULO 27 | 290 |
| ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE | |
| Alberto Reani | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050727 | |
| CAPÍTULO 28 | 301 |
| NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO | |
| Gilian Evaristo França Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050728 | |
| CAPÍTULO 29 | 316 |
| A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA | |
| Rosemary Pinheiro Da Paz | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050729 | |
| CAPÍTULO 30 | 329 |
| UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS | |
| Gustavo Uchôas Guimarães | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050730 | |
| CAPÍTULO 31 | 340 |
| INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949) | |
| Heloísa Maria Teixeira | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050731 | |
| CAPÍTULO 32 | 352 |
| ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA | |
| Jefferson Pereira da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.55919050732 | |

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Marcos Rafael da Silva

Universidade Metropolitana de Santos, Santos -
SP

Tathianni Cristini da Silva

Universidade Metropolitana de Santos, Santos -
SP

RESUMO: O presente artigo discute questões teóricas pertinentes ao estudo do meio e a educação patrimonial. Tem por objetivo salientar o potencial deste tipo de atividade didático-pedagógica tanto para formação dos futuros docentes quanto para o exercício da cidadania que, entendemos, passa necessariamente pelo conhecimento e compreensão da história local. Devido ao desconhecimento por parte da população universitária, com enfoque especial, aos alunos dos cursos de licenciatura de seus patrimônios locais, percebe-se a necessidade de uma constante educação patrimonial que incentive a prática do estudo do meio, tanto no âmbito do ensino superior, como no ensino básico, espaço para o qual eles estão sendo formados para atuar. Parte-se do pressuposto de que a educação patrimonial deve integrar os planejamentos escolares, especialmente do componente curricular História, envolvendo o desenvolvimento de atividades lúdicas e de ampliação do conhecimento sobre o passado e sobre as relações que cada sociedade

estabelece com ele. Esta comunicação, portanto, pretende levantar questões a partir de experiências concretas de estudo do meio como elemento propositivo de reflexões voltadas para o exercício da cidadania e a construção de uma sociedade democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural. Ensino de história. Estudo do Meio. História regional. História local.

CULTURAL HERITAGE AND TEACHING HISTORY: SOCIAL STUDIES AS A PRACTICE FOR CULTURAL EDUCATION

ABSTRACT: This article discusses theoretical questions surrounding social studies and cultural education. Its aim is to highlight the importance of this type of didactic-pedagogical activity, both for educating future teachers, and for exercising citizenship rights, which necessarily include a knowledge and understanding of local history. Due to the lack of knowledge on behalf of the university's population, especially those studying their local heritage, we recognize the need for an ongoing cultural education, which encourages the practice of social studies, both in higher and secondary education, the areas which they will go on to teach. It is generally assumed that cultural education should be part of schools' teaching programs, especially the History curriculum, involving recreational

activities and increasing students' knowledge of the past, and of the relationships which each society establishes with it. Therefore, this communication aims to raise questions based on concrete experiences of social studies as a propositional element of reflections aimed at exercising citizenship rights and constructing a democratic society.

KEYWORDS: Cultural Heritage. Teaching History. Social Study. Regional History. Local History.

Este texto relata uma experiência pedagógica proposta aos alunos do curso de História, e que consistiu em visitas técnicas realizadas no centro histórico de Santos-SP e redondezas. Tem por objetivo salientar a importância deste tipo de atividade didático-pedagógica tanto para formação dos futuros docentes quanto para o exercício da cidadania, que passa necessariamente pelo conhecimento e compreensão da história local. Verificou-se que a maioria dos alunos, nascidos ou há muito na cidade, não conheciam os espaços de cultura da cidade, tampouco as edificações patrimonializadas. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de uma constante educação patrimonial que incentive a prática do estudo do meio, tanto no âmbito do ensino superior, como do ensino básico, espaço para o qual eles estão sendo formados.

De acordo com Circe Bittencourt, a educação patrimonial deve integrar os planejamentos escolares e, especialmente, a componente curricular História, envolvendo o desenvolvimento de atividades lúdicas e de ampliação do conhecimento sobre o passado e sobre as relações que cada sociedade estabelece com ele. O professor deve suscitar nos alunos indagações do tipo: o que é preservado? Como é preservado? Porque é preservado? Por quem é preservado? Essas perguntas têm por objetivo refletir sobre a construção da memória social e indagar, ainda, se todos os setores e classes sociais têm sua memória reconhecida. (Bittencourt, 2008).

Além disso, continua a autora, cumpre à discussão do patrimônio e da memória o papel de desfazer a percepção equivocada de que somos “um país sem memória”, cabendo questionar qual memória tem sido esquecida e como recuperar um passado que possa contribuir para atender às reivindicações de parcelas consideráveis da população às quais tem sido negado, recorrentemente, o “direito à memória”. (Bittencourt, 2008).

Esta comunicação pretende levantar questões a partir de uma experiência concreta de estudo de meio como elemento propositivo de reflexões voltadas para o exercício da cidadania e a construção de uma sociedade democrática.

O primeiro problema que o professor deve refletir na prática pedagógica que envolve o estudo de meio e o patrimônio é com a noção de “história local”. Esta noção, embora frequente, não tem sido devidamente tratada do ponto de vista teórico e metodológico. O que é “local”, “regional”, “nacional”, “global”?

Tais perguntas devem levar o historiador a indagar sobre os conteúdos dessas noções, lembrando que as mesmas não são dados da realidade, mas construções

historicamente situadas. Como lembra Rosa Maria Godoy Silveira, a relação entre História e região é, em última instância, a relação entre temporalidade e espacialidade. Tal relação não parece, segundo ainda a autora, óbvia nos estudos históricos no Brasil.

Diz a historiadora:

Nossa produção historiográfica ignora completamente a problemática em termos de seu tratamento teórico-metodológico. Praticamente, não existem reflexões sistematizadas sobre as várias abordagens que se tem dado à relação Região-História nos trabalhos empíricos, e sobre as implicações epistemológicas e políticas de tais enfoques. (SILVEIRA, 1990, p.17).

Ou como diz o historiador Durval Muniz de Albuquerque, no mesmo sentido, embora mais recentemente:

A região aparece como um dado prévio, como um recorte espacial naturalizado, a-histórico, como um referente identitário que existiria per si, ora como um recorte dado pela natureza, ora como um recorte político-administrativo, ora como um recorte cultural, mas que parece não ser fruto de um dado processo histórico. A história ocorreria na região, mas não existiria história da região. A história da região seria o que teria acontecido no interior de seus limites, não a história da constituição destes limites. (2008, p.55).

Há ainda uso problemático, e às vezes equivocado, dos conceitos de “Espaço” e “Região”, caros à Geografia, por parte dos historiadores. (SILVEIRA, 1990, p.18). Um cuidado que se deve ter com o estudo da história local é a identificação do conceito de **espaço**. É comum falar em história local como a *história do entorno*, do mais próximo, do bairro ou cidade. Quem mais se dedica aos estudos dessa natureza são os geógrafos, e estes fazem algumas advertências aos historiadores que não se preocupam com o espaço e os conceitos dele decorrentes. A reflexão sobre o espaço é imprescindível para os estudos de história da região ou da história local, insistem os geógrafos. E um dos conceitos fundamentais atualmente trabalhados por eles é o de *lugar*. (SILVEIRA, 1990, p.17).

O geógrafo Milton Santos apresentou em vários de suas obras importante reflexão sobre espaço geográfico, com uma contribuição preciosa sobre o conceito de lugar. (1991).

Cada lugar tem suas especificidades e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõem e de suas funções. Milton Santos sustenta, no entanto, que o lugar só pode ser compreendido dialeticamente levando-se em conta as relações de produção nele estabelecidas e sendo concebido como uma produção histórica. A história, afirma,

atribui funções diferentes ao mesmo lugar. O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam – ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos –, mas que não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas,

Esse autor ressalta que cada lugar é diferente de outro, tem sua singularidade, mas é fração de uma totalidade. Ao analisar o atual processo de globalização, pressupõe as relações de cada lugar com a expansão das multinacionais, com a nova forma de atuação do Estado e com a organização social. Afirma assim que as relações de produção atuam na transformação dos lugares, embora seja preciso averiguar a dinâmica dos usos de cada espaço, como ocorre a ação concreta do capitalismo globalizado nessa fração do espaço total. (SANTOS, 1991, p. 172).

A história do “lugar” como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-las apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros “lugares”. (SANTOS, 1991, p. 172).

Ainda sobre a problemática conceitual do “lugar”, da “região”, e porque não, do “território”, diz o geógrafo Marcelo Lopes de Souza:

No caso do conceito de lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território; mas sim a **dimensão cultural-simbólica** e, a partir daí as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significado [...]. (SOUZA, 2013, p. 118).

Em outras palavras, “o lugar está para a dimensão cultural-simbólica assim como o território está para a dimensão política”. (Souza, 2013). Isso não quer dizer, no entanto, que a dimensão do poder, da política, esteja ausente do conceito de lugar:

[...] uma região ou um bairro é, enquanto tal, um espaço definido basicamente, por identidade e intersubjetividades compartilhadas [...], ambos são, portanto, “lugares” [...]: espaços vividos e percebidos. Porém, é lógico que um bairro e, mais provavelmente ainda, uma região igualmente pode ser nítida ou intensamente um **território**: seja em função de regionalismos e bairrismos, dando origem a territórios informais, seja mesmo porque foram “reconhecidos” pelo aparelho de Estado como unidades espaciais formais de administração ou planejamento. Isso sem contar que hipotéticos movimentos sociais, se ali passarem a exercer, fortemente um **contrapoder** de resistência ou insurgente, podem também definir um tipo de territorialidade alternativa, a atritar com a estatal. (SOUZA, 2013, p. 116).

Feitas as ressalvas do ponto de vista da Geografia, algumas preocupações ainda devem acompanhar o historiador que se interessa pela região, ou por qualquer recorte espacial. Uma vez mais recorremos a Durval Muniz de Albuquerque:

o historiador [...] deve estar atento para os afrontamentos políticos, as lutas pelo

poder, as estratégias de governo, de comando, os projetos de domínio e de conquista que aí estão investidos, que fizeram parte de sua instalação e demarcação, que estabeleceram as fronteiras e os limites que agora podem reivindicar como sendo naturais, ancestrais, divinos ou legítimos. As regiões, portanto, não pré-existem aos fatos que as fizeram emergir; as regiões são acontecimentos históricos, são acontecimentos políticos, estratégicos, acontecimentos militares, diplomáticos, são produtos de afrontamentos, de disputas, de conflitos, de lutas, de guerras, de vitórias e de derrotas. Falar em região implica em se perguntar por domínio, por dominação, por tomada de posse, por apropriação. Falar em região é também falar em subordinação, em exclusão, em desterramento, em banimento. Falar em região é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, àqueles que foram excluídos de seus limites territoriais ou simbólicos, àqueles que não fazem parte dos projetos que deram origem a dado recorte regional. Falar de região implica em reconhecer fronteiras, em fazer parte do jogo que define o dentro e o fora: implica em jogar o jogo do pertencimento e do não pertencimento. (2008, p. 58).

E autor continua:

A história do regional não pode ser uma história celebrativa, monumentalizadora, veiculadora de mitos e reafirmadora de identidades. Ela deve ser capaz de introduzir o estranho em nosso próprio ser, ela deve ser capaz de produzir o afastamento do que se vê, se diz e se sente como próximo. (2008, p. 58).

É importante, ainda, ter clara a diferença do regionalismo como método de investigação e como concepção interpretativa. (CARDOSO, 1990, p.43). Assim, é preciso partir da definição de regionalismo, cujo referencial analítico que o dá sentido é a teoria dos sistemas, ou seja, a integração de partes que formam um todo.

A região só se entende, então, metodologicamente falando, como parte de um sistema de relações que ela integra. Deve, portanto, ser definida por referência ao sistema que fornece seu princípio de identidade. Assim, pode-se falar tanto de uma região no sistema internacional, como de uma região dentro do estado nacional ou dentro de uma das unidades de um sistema político federativo. (CARDOSO, 1990, p.43).

O que não se pode fazer, defende Vera Alice Cardoso Silva, é perder de vista que a significação analítica e a utilidade explicativa do conceito de região dependem de sua referência constante a um sistema global de relações do qual foi recortada. (CARDOSO, 1990, p.44).

Por outro lado, a história regional não substituiu a história de processos estruturais ou a história das mudanças sociais e política. E tampouco deve ser vista como fornecedora de subsídios que, somados, resultaria naturalmente numa “História nacional” ou numa “História Geral”. Ou seja, uma antologia de histórias regionais não produziria uma “história nacional”.

Destarte, o regionalismo, para fecharmos a reflexão da autora referenciada, configura o objeto da História Regional, e assim oferece elementos essenciais para a História Comparada. Como enfoque interpretativo o regionalismo aponta para uma

complexidade de focos de articulação da ação coletiva, nem sempre inteiramente explicável por referências às classes e à estratificação econômica nas sociedades modernas.

E preocupada com esta questão, a historiadora Maria de Lourdes Monaco Janotti, em texto justamente intitulado “Historiografia: uma questão regional?”, fala de “recusa de uma visão regionalista”, por parte dos historiadores do eixo Rio-São Paulo. Com propriedade escreve a historiadora:

O caráter da evolução histórica nacional, delineado por estruturas de produção colonial, neocolonial e, de forma mais abrangente, capitalista, gerou a centralização dos polos dinâmicos da economia em algumas áreas geográficas do país, atribuído o termo *regiões* aos espaços geoeconômicos que não participavam de sua prosperidade. Portanto, o *regional* passou a ser sinônimo de marginalidade e/ou decadência. [...]

Dessa maneira, a primazia dispensada pelos estudos históricos aos polos dinâmicos passou a identificá-los com a própria história do Brasil, que parece apenas se desenvolver ora em uma, ora em outra área, reproduzindo assim, claramente, a desarticulação econômica interna. (JANOTTI, 1990, p. 85-86).

Também Durval Muniz Albuquerque, anos depois, chamou a atenção dos estudiosos do regional para a questão:

No Brasil o lugar de historiador regional quase sempre é assumido por aqueles historiadores que vivem fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, que se consideram, portanto, afastados do centro da produção historiográfica nacional, daqueles que fariam história em nome da nação, que fariam a História do Brasil. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 65).

O que confirma a persistência desta tendência.

Não obstante esse quadro problemático da historiografia brasileira, as propostas curriculares e algumas produções didáticas têm introduzido a história do cotidiano e a história local, opção que não é recente, de acordo com Circe Maria Bittencourt. Segundo a autora, a associação entre cotidiano e história de vida dos alunos possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história individual dos alunos a uma história coletiva. (BITTENCOURT, 2008, p. 164-165).

Por fim, queremos reforçar que o *estudo do meio* é, com todas as suas dificuldades operacionais, a prática escolar que possibilita outra relação entre saber histórico e saber geográfico, isto é, entre tempo e espaço. (BITTENCOURT, 2008, p. 172).

DA PREPARAÇÃO EM SALA DE AULA À SAÍDA DE CAMPO

A atividade foi dividida em três fases distintas. A primeira foi de preparação dos discentes para o estudo do meio em sala de aula realizada pelos dois professores que sugeriram a atividade. Os componentes curriculares envolvidos eram História e Linguagens e Laboratório de Ensino e Pesquisa em História. A segunda fase

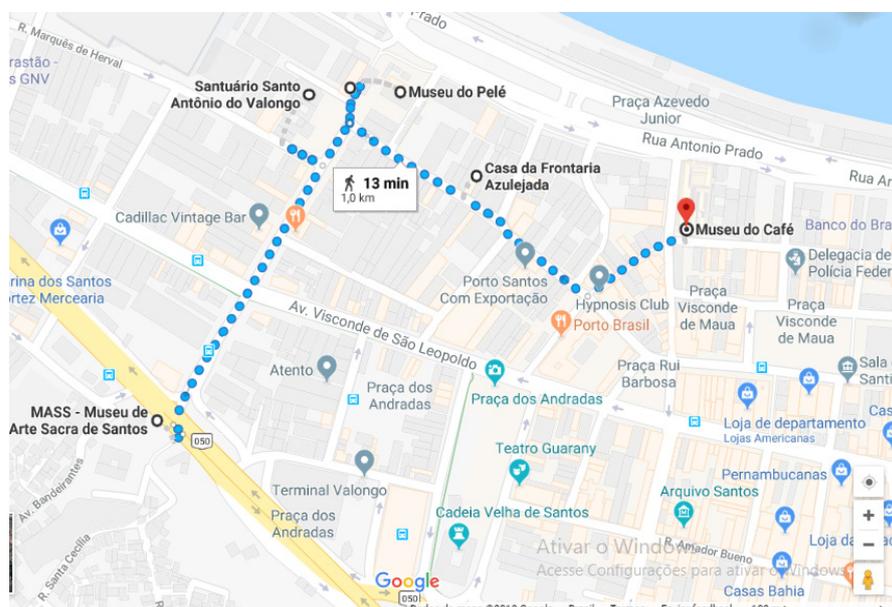
compreendeu a saída para o estudo *in loco* com a mediação dos docentes. Por fim, a última etapa o retorno para sala de aula e as impressões dos alunos sobre a experiência.

A primeira etapa do estudo de meio compreendeu a escolha de bens patrimoniais para visitação através de roda de conversa com os discentes e da compreensão de suas necessidades e curiosidades.

No decorrer das atividades do componente curricular Laboratório de Ensino e Pesquisa em História estudos e debates de questões teóricas e práticas acerca da noção de patrimônio de modo geral, e do patrimônio da Baixada Santista, em particular, (sendo que compõem a chamada Baixada Santista os seguintes municípios: Bertiooga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia grande, Santos e São Vicente) foram realizados. A maioria dos estudantes era proveniente das cidades de Cubatão, Santos e São Vicente.

Após as primeiras conversas verificou-se que a maioria dos envolvidos não conhecia o patrimônio de sua região e o centro histórico de Santos era um ilustre desconhecido e pouco atraente para visitação. A sugestão dos docentes partiu da visita à região mais próxima geograficamente e com imensa relevância cultural para o estudo da História regional e nacional por abrigar exemplos de bens patrimoniais diversos e de diferentes tempos históricos e realizada facilmente por todos a pé.

Assim, organizou-se a atividade para um domingo, para que todos os discentes pudessem participar, pois muitos trabalhavam de segunda à sábado. A saída com início marcado para às 10 horas da manhã no Museu de Arte Sacra de Santos (MASS) e término às 17 horas no Museu do Café (Bolsa do Café). O roteiro definido pelo grupo foi: Museu de Arte Sacra de Santos (1981), Igreja e Mosteiro de Santo Antônio do Valongo (1640), Estação Ferroviária do Valongo (1867), Museu Pelé (2014), Bonde do Café, Rua do Comércio, Casa da Frontaria Azulejada (1865), Rua XV de Novembro e Museu do Café (1997).



No domingo combinado o grupo iniciou o estudo do meio no MASS (o museu compreende o conjunto da Igreja de Nossa Senhora do Desterro de 1630 e do Mosteiro de São Bento de 1650) às 10 horas da manhã. A visita ao espaço foi acompanhada por um monitor do museu e estudante do curso de História. Todo o estudo foi mediado pelo diálogo entre professores, alunos e monitor.

O grupo seguiu a pé observando a paisagem instigados a perceber os diferentes estilos arquitetônicos que convivem numa mesma área, denotando os diferentes momentos históricos em que foram construídos, até chegarem no Santuário de Santo Antônio do Valongo (conjunto composto por Igreja e Mosteiro de 1640). Lá o estudo consistiu em observação livre com algumas intervenções pontuais. Os alunos estabeleceram muitas relações entre o que haviam percebido na visita à Igreja de Nossa Senhora do Desterro e de Santo Antônio do Valongo, desde os restauros sofridos até questões cotidianas de ordem social.

A interação entre o grupo fluía a cada passo mais fácil e assertiva. O patrimônio seguinte para observação foi a Estação Ferroviária do Valongo (1867) e os Bondes. A estação fazia a linha Santos – São Paulo e foi uma das primeiras do Brasil. Os bondes que faziam o transporte de passageiros na cidade hoje operam no local com finalidade turística.

Com passos nervosos, pois as paradas se tornaram no decorrer do caminho cada vez mais lentas, o grupo seguiu para o Museu Pelé. O museu está sediado em um casarão do século XIX e conta a história de vida do “rei do futebol” Edison Arantes do Nascimento, vulgo Pelé, por meio de uma interessante museografia. No último pavimento do prédio há uma exposição acerca da história do casarão que movimentou as discussões dos estudantes sobre a ocupação populacional do centro de Santos.

Na saída do museu o grupo decidiu fazer uma saída de bonde pelo centro histórico da cidade. Antes, porém, foi realizado um piquenique para almoço na Praça Visconde de Mauá (praça que fica em frente ao prédio da prefeitura da cidade). Os alunos moradores da região acharam muito estranho a ocupação daquele espaço de passagem para realização de uma refeição coletiva. Grande parte dos presentes participou do lanche coletivo e comentou que nunca havia pensado em utilizar o local daquela maneira. Após o lanche o grupo retornou à Estação do Valongo e embarcou em um bonde realizando a visita pelo centro histórico da cidade mediado por uma funcionária da prefeitura que presta serviço de guia no Bonde. O bonde passa rapidamente por alguns dos principais edifícios da cidade de Santos.

Após o percurso de bonde retomamos nosso caminho pela Rua do Comércio e suas construções relacionadas ao Porto de Santos desde o século XIX até a atualidade. Muitas construções abandonadas em ruínas ou transformadas em estacionamento. A

consternação e indignação foram crescendo e a busca por soluções para recuperar aqueles espaços também. Nesta rua está localizada a Casa da Frontaria Azulejada, construção de 1865, que provavelmente abrigava comércio em seu piso térreo e moradia no superior. O edifício se destaca por sua fachada com azulejos portugueses.

Um pouco mais à frente na mesma rua está localizado o terreno que deveria abrigar a Casa de Bartolomeu de Gusmão (padre inventor da passarola – veículo para aviação, 1784), cujo prédio de fins do século XIX se encontra em estado de abandono. Esse momento do trabalho foi especialmente interessante, pois, os discentes não foram avisados previamente do que veriam e ficaram surpresos ao ver que não conheciam quase nada da cidade em que vivem.

O grupo seguiu para Rua XV de Novembro com suas construções melhor conservadas e, por fim, para o Museu do Café. O museu está sediado no prédio da antiga Bolsa do Café, inaugurada em 1922. O prédio é um rico exemplar da arquitetura do período no qual o café movimentava a economia brasileira, com pisos em mármore, vitrais e pinturas à óleo em grandes dimensões de Benedito Calixto. O estudo no museu foi uma grata surpresa aos alunos que já estavam cansados, mas aproveitaram para conhecer o prédio e compreender o sistema de produção e venda do produto que transformou o porto de Santos e a região.

A visita terminou na cafeteria do museu com os alunos exaltados por tudo que haviam descoberto em um único dia. Muitos jamais tinham entrado nos prédios estudados, ou compreendiam as dinâmicas sociais envolvidas. E, a pergunta que os professores ouviam era: onde será o nosso próximo estudo do meio?

Alguns dias depois docentes e discentes retornaram para sala de aula e uma avaliação do estudo foi realizada por meio de roda de conversa considerando os aspectos positivos e negativos da saída, bem como os planos para o futuro.

O principal aspecto negativo elencado foi o pouco tempo para a visita a cada local e a pouca estrutura para conhecimento dos espaços. O principal ponto positivo foi a identidade com a cidade. A ideia de pertencimento que até então era distante havia tomado um novo caminho de preocupação com a História Local. Diversas ideias de projetos de pesquisa e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) estavam nascendo.

Portanto, o estudo do meio utilizando a educação patrimonial enquanto ferramenta foi eficaz no sentido da criação de laços identitários entre os discentes e sua região. A metodologia pode ser aplicada à outras realidades e auxiliar no desenvolvimento de pesquisas e usos do patrimônio cultural pelo professorado para formação de alunos para além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. In: **Fronteiras**, Dourados-MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, Jan./jun. 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. Ed. São Paulo: Editora

Cortez, 2008.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. Historiografia: uma questão regional? In: SILVA, Marcos Antonio. **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SANTOS, Milton. **As metamorfoses do espaço habitado**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SILVA, Vera Alice Cardoso. Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica. In: SILVA, Marcos Antônio. **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Região e História: questão de método. In: SILVA, Marcos Antonio. **República em migalhas**: História regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9



9 788572 474559